



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS  
CAMPUS REITOR EDGAR SANTOS  
CURSO DE NUTRIÇÃO

GUILHERME SANTOS FERNANDES

**“A MESA ESTÁ POSTA”:  
REPRESENTAÇÕES ALIMENTARES EM PASSAGENS BÍBLICAS**

BARREIRAS

2019

GUILHERME SANTOS FERNANDES

**“A MESA ESTÁ POSTA”:  
REPRESENTAÇÕES ALIMENTARES EM PASSAGENS BÍBLICAS**

Artigo apresentado à disciplina CBS2036 - Trabalho de Conclusão II do Curso de Nutrição do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) da Universidade Federal do Oeste da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Nutricionista.

ORIENTADORA: DEBORA CRUZ  
PORCINO

BARREIRAS

2019

GUILHERME SANTOS FERNANDES

**“A MESA ESTÁ POSTA”:  
REPRESENTAÇÕES ALIMENTARES EM PASSAGENS BÍBLICAS**

Artigo apresentado junto ao curso de nutrição da Universidade Federal do Oeste da Bahia como requisito para aprovação no componente curricular CBS2037 – Trabalho de Conclusão de Curso II

Data de aprovação: 22/02/2019

Banca examinadora:

---

Debora Cruz Porcino – Orientadora

---

Maria Luiza Amorim Sena Pereira – Membro

---

Odirlei Lima Carneiro - Membro

BARREIRAS

2019

Dedico este trabalho a Deus que é dono de toda ciência e sabedoria, que me fortalece e me inspira através da sua palavra. Toda honra e toda a glória seja dada a Ele.

*“Para o homem não existe nada melhor do que  
comer, beber e encontrar prazer em seu trabalho.  
E vi que isso também vem da mão de Deus”  
(Eclesiastes2:24)*

**“A MESA ESTÁ POSTA”:  
REPRESENTAÇÕES ALIMENTARES EM PASSAGENS BÍBLICAS**

**“THE TABLE IS SET”:  
FOOD REPRESENTATIONS IN BIBLICAL PASSAGES**

**Guilherme Santos Fernandes<sup>a</sup>, Debora Cruz Porcino<sup>b</sup>**

<sup>ab</sup> Universidade Federal do Oeste da Bahia. Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.  
Barreiras, BA, Brasil.

E-mail: <sup>a</sup>fernandes.gui82@gmail.com

<sup>b</sup>debora.porcino@ufob.edu.br

**RESUMO**

O presente artigo objetiva analisar as representações simbólicas do comer e da comida em passagens bíblicas, à luz de conceitos das ciências da nutrição. Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa, cujos dados foram construídos usando a técnica de análise documental. O documento utilizado para construção dos dados foi a bíblia sagrada, na versão de estudo Thompson, analisados tendo como referência a pirâmide de necessidades de Maslow. Os resultados destacam que os aspectos simbólicos da comida na bíblia podem ser vistos como fatores relacionados à formas de escravidão, já que o comer é uma necessidade humana. Além deste aspecto, a comida pode ser associada à graça e às leis alimentares desde a formação do mundo na visão criacionista, como a de não comer o fruto proibido por Deus, até os dias atuais, como as Leis de Escudeiro e a Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional. Em relação à representação de grupos alimentares específicos, a carne se apresenta como um alimento de importância na sociedade por ser considerada uma ‘comida forte’ e transmitir a ideia de status social superior, pois o seu acesso requer um maior poder aquisitivo. A comida na bíblia sagrada também pode ser encontrada como figura representativa. Nela Jesus, o filho de Deus, de acordo com a crença cristã, se apresenta como ‘o pão da vida’. Assim, a mesma comida que pode estar relacionada com a escravidão também pode se relacionar com a capacidade de libertar.

**Palavras-chave:** alimentação, bíblia, comida, história da alimentação, nutrição, necessidades

## **ABSTRACT**

The present article aims to analyze the symbolic representations of eating and food in biblical passages, in the light of concepts of the nutritional sciences. This is a study with a qualitative approach, whose data were constructed using the technique of documentary analysis. The document used to construct the data was the sacred bible, in the study version Thompson, analyzed with reference to the pyramid of Maslow needs. The results highlight that the symbolic aspects of food in the bible can be seen as factors related to forms of slavery, since eating is a human need. In addition to this, food can be associated with grace and food laws from the formation of the world in the creationist view, such as not eating the forbidden fruit of God to this day, such as the Squire's Laws and the Organic Law of Food and nutrition security. In relation to the representation of specific food groups, the meat presents itself as a food of importance in the society for being considered a 'strong food' and transmit the idea of superior social status, because its access requires a greater purchasing power. Food in the sacred bible can also be found as a representative figure. In it Jesus, the son of God, according to Christian belief, presents himself as 'the bread of life'. Thus, the same food that may be related to slavery may also relate to the ability to deliver.

**Keywords:** food, bible, food, history of food, nutrition, needs

## 1. INTRODUÇÃO

A alimentação humana é um fenômeno cujo estudo foi estabelecido nos últimos dois séculos a partir de quatro enfoques diferentes: O biológico, o econômico, o social e o cultural. A história da alimentação abrange ao menos quatro grandes aspectos: aspectos fisiológicos-nutricionais, a história econômica, além dos conflitos na divisão social e história cultural que inclui a história do gosto e da culinária. (Carneiro, 2017)

Em relação ao âmbito social, foco principal deste trabalho, Moreira (2010) apresenta a ideia de comensalidade, que significa conviver à mesa e isto envolve não somente o padrão alimentar ou o quê se come, mas, principalmente, como se come. Assim, a comensalidade deixou de ser considerada uma consequência de fenômenos biológicos ou ecológicos para se tornar um dos fatores estruturantes da organização social. A alimentação revela a estrutura da vida cotidiana, do seu núcleo mais íntimo e mais compartilhado. A sociabilidade manifesta-se sempre na comida compartilhada.

A comida e a comensalidade também são elementos presentes nas manifestações e registros históricos de diversas religiões. Carneiro (2003) aponta que a história das religiões ocupou-se da descrição e interpretação de representações e regulamentações sagradas sobre o consumo dos alimentos. Em quase todas as civilizações o alimento é um dos primeiros deuses ou tem um deus tutelar. No México, os cogumelos alucinógenos do gênero *Psilocybe* são considerados sagrados e denominados "carne de deus". As plantas psicoativas americanas, como a jurema, símbolo secreto da cultura indígena; a ayahuasca, bebida sagrada, também de origem indígena, cultuada na religião do Santo Daime, no Brasil são exemplos de alimentos e bebidas divinizadas.

Carneiro (2003) também salienta que a mitologia judaico-cristã, assim como as outras, se estrutura em torno de um mundo de comensalidade entre os homens e os deuses e entre os homens e os animais. E justamente a violação de uma interdição de tipo alimentar, a proibição do fruto no jardim do Éden, que romperá o elo entre o criador e a sua criação, que se verá condenada a alimentar-se do seu trabalho.

Na Bíblia sagrada cristã também se é descrito o maná, alimento que, segundo este livro, foi produzido milagrosamente, sendo fornecido por Deus ao povo israelita, liderado por Moisés durante toda sua caminhada no deserto rumo à terra prometida. Segundo o livro de Êxodo, após a evaporação do orvalho formado durante a madrugada, aparecia uma coisa miúda, flocosa, como geada, branca, descrita como uma semente de coentro. Geralmente era moído, cozido ou assado, sendo transformado em bolos, fato que surpreendeu até o próprio

povo israelita que até então se perguntava “*Poderá Deus, porventura, preparar-nos uma mesa no deserto?*” (Salmos 78:19).

Isso nos leva a entender que a comida também se relaciona diretamente com as necessidades humanas. Porém Hesketh et al, (1980) descreve que Maslow defendia que as necessidades humanas vão além da alimentação. Elas estão arranjadas numa hierarquia que ele denominou de hierarquia dos motivos humanos. Conforme o seu conceito de premência relativa, uma necessidade é substituída pela seguinte mais forte na hierarquia, na medida em que começa a ser satisfeita.

Sendo assim, acompanhando o que foi dito por todos estes autores, a alimentação representa a necessidade mais básica para garantir a vida humana. A depender do contexto, a existência pode ser confundida com subsistência, fazendo com que os sujeitos submetam-se a condições de vida socialmente questionáveis, mas que garantam a manutenção da vida tanto em aspectos fisiológicos quanto nos aspectos sociais.

Este trabalho justifica-se pela importância de estudar o alimento não apenas em uma perspectiva nutricional, já que em várias passagens bíblicas a comida se faz presente como figura representativa, parte integrante ou até mesmo como personagem direta. Por isso se faz necessário o aumento da discussão sobre este assunto para além da abordagem teológica, mas também dentro do campo da antropologia e da nutrição, já que o arcabouço teórico, com estudos que analisam como o tema alimentação e nutrição são expressos nesse livro ainda são incipientes.

Diante disso, o artigo objetiva analisar as representações simbólicas do comer e da comida em passagens bíblicas, à luz de conceitos das ciências da nutrição, observando a alimentação descrita neste livro e apresentando os fenômenos alimentares contidos em algumas passagens bíblicas, comparando o comportamento alimentar dos indivíduos descritos nestas passagens com o que é preconizado pela ciência da nutrição na atualidade.

## **2. MATERIAIS E MÉTODOS**

### **2.1 Natureza do estudo**

Trata-se de uma pesquisa do tipo qualitativa, descritiva, realizada a partir de uma análise documental. Conforme Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa busca entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas conferem, através do estudo das coisas em seus cenários naturais. Creswel (2007) complementa explicando que na pesquisa

qualitativa, esses cenários naturais são a fonte direta dos dados do pesquisador, principal instrumento, sendo que os dados coletados são, em sua maioria, descritivos.

Por fim, Minayo (2001) relata que a pesquisa qualitativa responde a questões particulares. Sua preocupação com as ciências sociais não pode ser quantificada, trabalhando com um universo de significados, motivos, crenças e valores que correspondem a um espaço profundo das relações e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

## **2.2 Objeto de estudo**

A construção dos dados foi realizada por meio da análise de passagens bíblicas na versão de estudo Thompson. A Bíblia, diminutivo de “byblos”, “papiro egípcio”, é uma coleção de textos religiosos de valor sagrado para o cristianismo. É considerada pelos cristãos como divinamente inspirada, tratando-se de importante documento doutrinário (Souza, 2011; Dantas, 2011). É o livro mais vendido de todos os tempos com mais de seis bilhões de cópias em todo o mundo, quantidade sete vezes maior que o número de cópias do segundo colocado da lista dos livros mais vendidos (Publications International Ltd, 2007).

## **2.3 Método da construção de dados**

Os dados para esse estudo foram provenientes de uma análise documental. Segundo Richardson et al (1999) a análise documental consiste em uma série de operações que tem como objetivo o estudo de documentos com o intuito de compreender circunstâncias econômicas e sociais. Richardson et al (1999) também considerou importante salientar que a análise documental é semelhante à análise de conteúdo, todavia elas apresentam algumas diferenças em relação aos tipos de documentos utilizados. Sendo assim, a análise documental utiliza documentos, enquanto na análise de conteúdo utilizam-se mensagens.

As passagens relacionadas com os aspectos alimentares presentes no pentateuco, cinco primeiros livros da bíblia sagrada, foram destacadas. Então foi realizada uma releitura destas passagens, organizando-as com a utilização do programa Microsoft excel, sendo transcritas e classificadas de acordo com cada tópico de interesse dentro de uma matriz, através de uma análise de conteúdo. De acordo com Bardin (2009), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de investigação que, através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações.

Os documentos foram analisados em três etapas, segundo proposto por Bardin (2009) e Minayio (2007), a saber: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação, onde a pré-análise é a fase de organização de ideias iniciais, retomando aos objetivos iniciais da pesquisa e os reformulando frente ao material coletado, inicialmente através de uma leitura flutuante.

A etapa de exploração do material é a operação de analisar o texto sistematicamente em função das categorias formadas anteriormente (Bardin, 2009; Minayo, 2007). Por fim, os mesmos autores destacam que a fase de tratamento dos resultados, inferência e a interpretação é a utilização dos resultados brutos, categorias que serão utilizadas como unidade de análise, sendo submetidas a operações estatísticas, permitindo assim ressaltar as informações obtidas.

Em seguida são feitas inferências e as interpretações previstas no quadro teórico e/ou sugerindo outras possibilidades teóricas. Assim, a análise destes textos consistiu na leitura dos mesmos, elaborando questionamentos com base no referencial teórico, confrontando o material com hipóteses ou informações teóricas, a fim de analisar as questões socioambientais e culturais presentes nas passagens como a dificuldade de acesso aos alimentos e como os indivíduos descritos reagiram nesta adversidade.

A partir da análise das passagens bíblicas, as informações obtidas foram divididas em quatro categorias, de acordo com os aspectos presentes na pirâmide das necessidades proposta por Maslow (1943), levando em consideração a possível relação entre estes aspectos. Estas categorias estão descritas a seguir. A primeira chama-se: **A comida que escraviza - Necessidades fisiológicas**, onde se é retratada a possibilidade de relação entre as necessidades fisiológicas e a escravidão.

Como segunda categoria foi estabelecida: **Comida, lei e graça**, esta sendo subdividida em: **Incesto alimentar**, onde procurou-se descrever a visão cultural da crença judaica em relação às leis alimentares descritas no antigo testamento, **Tabus alimentares x Justificativas nutricionais** que trata sobre a associação entre uma das leis bíblicas com estudos recentes, além de **Necessidade de segurança**, onde é tratado sobre a Segurança Alimentar e Nutricional. Outra categoria foi nomeada como: **Os desejos da carne – Necessidade de estima**, onde se analisa a relação entre alguns alimentos e status sociais. Por fim, a categoria **comida que liberta – Necessidade de amor**, onde se é descrito de que forma a comida é usada como forma representativa na bíblia sagrada.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 3.1 A comida que escraviza - Necessidades fisiológicas

Segundo Maslow, (1943) as necessidades que geralmente são tomadas como ponto de partida para a teoria da motivação são os chamados impulsos fisiológicos. Primeiro, o desenvolvimento do conceito de homeostase e, segundo, a constatação de que os apetites (escolhas preferenciais entre os alimentos) são uma indicação bastante eficiente de necessidades reais ou carências no corpo.

De acordo com a crença criacionista, o mundo foi criado por Deus, e os primeiros humanos, Adão e Eva, viviam em um jardim chamado Éden. De acordo com esta teoria, neste tempo não existia fome, já que o ser humano e os animais se alimentavam de vegetais e a natureza se encontrava em equilíbrio. A partir do surgimento do pecado, através da ingestão de um fruto proibido por Deus, formam-se o desequilíbrio natural e espiritual, onde os seres humanos são castigados, se tornando escravos da terra, ou seja, agora terão que se esforçar para plantar, regar e colher os frutos que antes deste episódio surgiam naturalmente. Como pode ser observado na seguinte passagem: *“Comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida... No suor do teu rosto, comerás o teu pão, até que te tornes a terra;”* (Gênesis 3: 17-19)

A comida pode ser vista a partir deste momento como uma causadora da escravidão, por ser uma necessidade essencial do ser humano. Ela é um dos fatores principais que levam o ser humano a ter que trabalhar, pois só assim conseguirá recursos para adquiri-la, e, em ocasiões emergenciais de ausência de alimento, faz com que um indivíduo se submeta a situações até mesmo humilhantes que nunca imaginou que fosse capaz de se subordinar.

Algumas passagens bíblicas relatam exemplos deste tipo de situação. Uma delas é a história dos irmãos Esaú e Jacó. De acordo com o livro de Gênesis, antigamente, naquela sociedade, existia a cultura de que o filho primogênito tinha direito a maior parte da herança do seu pai. Nesta história bíblica, Esaú era o filho mais velho, tendo direito a maior parte da herança, enquanto Jacó era o seu irmão mais novo, ou seja, não tinha o mesmo direito. Porém em um certo dia, Esaú, por estar cansado e não ter alimento disponível, resolveu trocar o seu direito à herança de primogenitura por apenas um prato de comida, lentilhas provavelmente, oferecidas por seu irmão Jacó, confirmando assim a teoria de Maslow (1943) que diz que a prioridade do ser humano é saciar a sua fome. Este episódio é descrito na seguinte passagem: *"E disse a Jacó: — Deixa-me comer dessa coisa vermelha, pois estou muito cansado (...)* Jacó

*disse-lhe: — vende-me o direito de progenitura. Esaú retorquiu — Que me importa a mim o direito de progenitura se estou a morrer de fome?". (Gênesis 25.29)*

Outro exemplo pode ser encontrado na parábola do filho pródigo que resolve sair de casa para gastar a herança que o seu pai lhe proporcionou, mas, arrependido por ter gastado todos os seus recursos e com fome ao ponto de desejar comer a lavagem dos porcos, decide voltar para casa, não mais como filho, pois não se achava merecedor depois do que fez, mas com a intenção de ser considerado ao menos um escravo de seu pai. Isto fica evidenciado na seguinte passagem de Lucas 15:16-19:

E desejava encher o seu estômago com as bolotas que os porcos comiam, e ninguém lhe dava nada. E, caindo em si, disse: Quantos trabalhadores de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome! Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti. Já não sou digno de ser chamado de filho; Faze-me como um dos teus trabalhadores.

Na época do ministério de Jesus, por se espalharem a fama de que Ele multiplicava pães e peixes, uma multidão de pessoas se formou interessada não nos seus discursos e sermões, mas para que essa necessidade alimentar fosse suprida. Ao perceber essa situação, Jesus se viu obrigado a repreender estes indivíduos, pois se considerava mais do que um mero fornecedor de alimentos, como foi descrito no evangelho escrito por João: *“Jesus respondeu e disse-lhes: Na verdade, na verdade vos digo que me buscais não pelos sinais que vistes, mas porque comestes o pão e vos saciastes.” (João 6:26)*

O apóstolo Paulo, importante figura do cristianismo, pois teve papel determinante na disseminação da palavra cristã a partir do novo testamento, também descreve na carta em que escreveu aos coríntios, moradores da antiga cidade de corinto, situações onde várias pessoas deste povo participavam da ceia, cerimônia que relembra a crucificação e ressurreição de Jesus, não pelo seu verdadeiro significado como um ato de fé, adoração e agradecimento pelo sacrifício dEle na cruz, mas para simplesmente matar a fome. Assim está escrito na carta: *“Não tendes porventura casas para comer e para beber? Ou desprezais a igreja de Deus, e envergonhais os que nada têm? Que vos direi? Louvar-vos-ei? Nisto não vos louvo.” (I Coríntios 11:21,22)*

Os israelitas que estavam fugindo da escravidão do Egito começaram a murmurar por não terem água. Eles também buscavam um resgate da memória alimentar, pois sentiam saudades dos temperos da antiga terra em que estavam. Seus impulsos fisiológicos começaram a se tornarem visíveis em atitudes e eles já se encontravam irritados com a situação, o que pode ser observado no livro de números: *“E não havia água para a congregação... E o povo contendeu com Moisés, dizendo: ... por que fizestes subir do Egito,*

*para nos trazer a este lugar mau? Lugar não de semente, nem de figos, nem de vides, nem de romãs, nem de água para beber.” (Números 20:2-5).*

Esta narrativa aponta para a inclinação dos israelitas em abrirem mão da liberdade tendo em troca os banquetes do Egito, mesmo estando no estado de escravidão.

Existe uma relação clara entre a memória e a alimentação. Dentro deste aspecto está o conceito de *comfort food*, que, segundo Amparo (2006) e Caldeira & Fava (2016), significa um tipo de comida capaz de despertar sensações agradáveis, prazer e bem-estar ligados à história de vida dos indivíduos, até porque a fome não existe simplesmente para ser saciada, mas para que exista relações entre as pessoas. O povo israelita naquele momento seria capaz de abrir mão até da sua liberdade para poder comer os alimentos que eram oferecidos no Egito, pois aqueles alimentos lhe traziam algumas lembranças positivas.

Amparo (2006) também aponta que as pessoas muitas vezes abrem mão da sua saúde, em troca do prazer de comer a todo custo alimentos calóricos, ricos em açúcar e gorduras, buscando na comida o conforto que necessitam, pois, muitas vezes encontram-se deprimidos o que pode levar à compulsão alimentar, assim também se tornam dependentes e escravas da comida. Elas também se tornam escravas da comida, quando a todo custo se submetem a dietas totalmente restritivas com o objetivo de perder peso, pois se sentem frustradas com o seu próprio corpo e sofrem com a pressão da mídia e da sociedade que definem o corpo magro ou o musculoso como modelo de beleza.

Depois da reclamação, Moisés clama a Deus e Ele manda o alimento que foi descrito como maná, e o povo naquele momento se sente satisfeito, suas necessidades fisiológicas foram supridas, como descreve Champlin (2003): *“diferentes apetites causavam diferentes quantidades de maná recolhido. Mas ninguém passava fome. Cada qual tinha exatamente o que era mister para suas necessidades.”* Este autor se baseia em uma das passagens bíblicas encontrada em Êxodo 16:16-18:

Esta é a palavra que o Senhor tem mandado: Colhei dele cada um conforme ao que pode comer, um ômer por cabeça, segundo o número das vossas almas; cada um tomará para os que se acharem na sua tenda... Não sobejava ao que colhera muito, nem faltava ao que colhera pouco; cada um colheu tanto quanto podia comer.

Após as necessidades fisiológicas serem sanadas, o ser humano parte para a próxima etapa da pirâmide de necessidades humanas, proposta por Maslow (1943), chamada de necessidade de segurança. Ele recorda de como era ruim estar com fome e prefere que essa situação não se repita, então busca uma forma de se prevenir.

### 3.2.1 Comida, lei e graça – Incesto alimentar

Na Bíblia o tema alimentação tem uma ligação profunda com a graça. Uma prova disso é que comida foi a primeira dádiva dada por Deus para o ser humano após ele ter sido criado. Este episódio é descrito desta forma: *“E disse Deus: Eis que vos tenho dado toda a erva que dê semente, que está sobre a face de toda a terra; e toda a árvore, em que há fruto que dê semente, ser-vos-á para mantimento.”* (Gênesis 1:29)

Mas, muitas vezes a graça traz consigo uma lei divina, neste caso uma lei alimentar em que Deus ordenou que os frutos de árvores específicas, a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal, não poderiam ser ingeridos, como pode ser observado na seguinte passagem: *“E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente, Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás.”* (Gênesis 2:16,17)

Como já citado anteriormente, de acordo a Bíblia, todos os animais e os seres humanos eram herbívoros, mas, após o dilúvio, por não terem frutos em árvores devido à grande destruição causada pela chuva, a saída para Noé e sua família, com o consentimento de Deus, foi a de passarem a comer a carne dos animais disponíveis, como pode ser visto nesta passagem: *“Tudo quanto se move, que é vivente, será para vosso mantimento; tudo que vos tenho dado, como a erva verde.”* (Gênesis 9:3), mas logo no versículo seguinte, Deus destaca que os animais não poderiam ser comidos vivos. *“A carne porém, com vida, isto é, com seu sangue, não comereis.”* (Gênesis 9:4). Situação semelhante aconteceu com os próprios animais entre si, gerando assim, a partir dali, caçadores e presas. Tempos depois, mais leis alimentares foram criadas a fim de definir quais animais seriam considerados puros ou impuros para a ingestão, onde pode ser encontrada no capítulo onze do livro de Levítico, por exemplo.

Nesta lei, os animais ‘puros’ eram os que tinham ‘casco fendido’, ‘partido em duas unhas’, ruminantes; Em relação aos peixes, os puros deveriam ter barbatanas e escamas. Para Flandrin & Montanari (1998), essas leis significam que os animais ‘puros’ deveriam se locomover e os animais rastejantes, desprovidos de patas eram considerados impuros para o consumo como pode ser observado no seguinte versículo: *“Todo réptil que anda de rastos sobre a terra é imundo, não se comerá”* (Levítico 11, 41). Segundo estes autores, isto deve-se a maldição descrita no Gênesis, onde Deus pune a serpente por ter manipulado Eva a comer e compartilhar com a Adão o fruto proibido. *“Porque fizeste isso, és maldita entre todos os*

*animais e todas as feras selvagens! Caminharás sobre o teu ventre e comerás poeira todos os dias de tua vida" (Gênesis 3, 14).*

Porém, segundo Flandrin & Montanari (1998), mesmo possuindo órgãos de locomoção, alguns animais também são considerados impuros. Estes animais são os que, de acordo com a tradição judaica, desobedecem à regra divina dos elementos (terra, água, ar), assim, os animais impuros também são aqueles que não respeitam os planos de Deus. Como exemplo, pássaros que passam muito tempo na água, transitando entre estes dois reinos, como a gaivota, pelicano, alcatraz, o cisne, a garça ou animais que tem asas, mas não voam como o avestruz, ou os que saltam sobre a terra, já que o salto é uma maneira intermediária de voar, caso de alguns insetos e por fim: *"a toupeira, o rato e as diferentes espécies de lagartos, o geco, a tartaruga, a salamandra, o lagarto da areia e o camaleão"* (Levítico 11, 29-30), já que esses animais vivem mais sob a terra e não foram 'produzidos' por ela.

Além desta, existem outras leis na cultura judaica que tratam sobre como preparar os alimentos e quais alimentos não podem ser misturados. Um exemplo disso é a separação entre leite e carne que deriva da interpretação feita pelos judeus do livro de Êxodo 23.19; 34.26, e Deuteronômio 14.21, onde curiosamente uma mesma ordem é citada em todas estas passagens, dando ênfase como sendo uma lei alimentar determinante que proíbe cozinhar um cabrito no leite de sua mãe. Segundo Silva (2015), Esta proibição pode derivar do senso de respeito entre mãe e filho, ou pode ter sido para evitar um ato que foi realizado por outros povos em Canaã como parte de um ritual pagão.

Scialom (2002) defende que as restrições referentes à alimentação são uma forma de não violência. O leite, que alimenta e dá vida ao recém-nascido, não pode ser misturado com a carne oriunda de um animal morto. O judaísmo sempre rejeitou a violência. A tradição ensina que não se deve abater a vaca e o bezerro no mesmo dia; deve-se afastar a mãe de um ninho antes de se recolher os ovos, assim como não se deve cozinhar um cabrito no leite de sua própria mãe. Segundo Flandrin & Montanari, (1998):

O que se procura evitar é um incesto culinário: não se deve colocar uma mãe e seu filhote num mesmo caldeirão, do mesmo modo que uma mãe e seu filho não devem ocupar o mesmo leito. O fogo da cozinha e o calor erótico são análogos; eles podem conduzir, pela fusão dos elementos à confusão entre as diferenças. Esta lei também vale para outros animais além do cabrito, para que além da panela, não ocorra um 'encontro' entre mãe e filhote no estômago. Será, então, proibido não somente todo prato que misture carne e leite, mas, também: o consumo desses dois alimentos.

É possível perceber então que as leis alimentares não têm como objetivo criar proibições sem sentido, mas tem como função a prevenção de doenças, além de definir fatores éticos, impedindo que a alimentação esteja ligada a situações imorais.

### **3.2.2 Tabus alimentares x Justificativas nutricionais**

A lei que proíbe o cozimento do cabrito no leite da sua mãe, como dito anteriormente, é repetida em três passagens diferentes e pode ser vista para além do aspecto cultural, mas também como orientações dietoterápicas. Segundo Silva (2015), as proteínas, por exemplo, elevam a eliminação de cálcio através da urina. Ao duplicar a quantidade de proteína na dieta, aumenta-se a excreção de cálcio urinário em 50%. Silva (2015) também descreve que estudos demonstram que o consumo de grande quantidade de proteína, além de elevar o cálcio urinário, aumenta sua absorção intestinal. Neste caso, há uma elevada perda de cálcio através da urina, podendo causar osteoporose e problemas na recuperação de pacientes com fraturas de quadril.

Estudos realizados sobre a absorção do ferro em indivíduos que apresentam estado nutricional normal, utilizando radioisótopos, indicaram inibição moderada da absorção do ferro não - heme pelo cálcio. Mulheres na menopausa (cessação da menstruação), apresentaram uma redução na absorção de ferro em cerca de 50 a 60%, após adição de 500 mg de cálcio na dieta. No mesmo estudo, grau semelhante de inibição ocorreu quando foram adicionadas quantidades comparáveis de cálcio na dieta na forma de derivados do leite (Silva, 2015).

A análise destes resultados pode servir para demonstrar que alguns tabus alimentares ainda existem, já que esta lei sempre foi seguida basicamente pelos fiéis desde aquela época, o que seria provavelmente uma insanidade para os pagãos que apreciavam este tipo de preparação. Porém esta mesma lei passa a ser útil para os demais indivíduos a partir do momento em que ocorre uma justificativa nutricional com validação científica.

### **3.2.3 Comida, lei e graça - Necessidade de segurança**

Como foi destacado no subtópico anterior, no contexto bíblico existe uma relação entre graça e leis alimentares. Caso semelhante pode ser observado durante o Êxodo, já que, após o povo israelita clamar pelo alimento, Deus envia o maná de forma graciosa, todavia também decreta leis relacionadas a este alimento como pode ser observado por Champlin, (2003):

As instruções quanto ao uso do Maná eram específicas: Era mister recolhê-lo diariamente, exceto no sexto dia da semana, quando se recolhia dupla porção, para atender às necessidades do sexto e do sétimo dia, pois não se podia fazer trabalho braçal no sábado; Cada homem recolhia o seu próprio Maná; A quantidade que cada homem recolhia era equivalente a um quilograma; O maná não podia ser guardado para o dia seguinte; Se houvesse pessoas confinadas às suas tendas, sem importar

por qual razão estivessem ali, então a porção delas deveria ser recolhida por outrem,e,então, levada até àquelas pessoas. (p. 374)

A forma de obtenção de segurança escolhida pelos israelitas naquele momento foi a de guardar o alimento. Todavia essa atitude contrariava a ordem de Deus e o alimento acaba estragando, devido ao aspecto microbiológico, levando em conta que naquele local não se tinha como conservar os alimentos e também como castigo pela desobediência.

Segundo Champlim (2003), o costume no Oriente Próximo e Médio, era cozer um pão fresco a cada dia; e isso era uma necessidade, visto que o clima quente e úmido de muitos lugares fazia o pão embolorar rapidamente. Desta forma ocorreu no episódio que foi descrito da seguinte forma: *“E disse-lhes Moisés: Ninguém deixe dele para amanhã. Eles, porém, não deram ouvidos a Moisés, antes alguns deles deixaram dele para o dia seguinte; e criou bichos, e cheirava mal; por isso indignou-se Moisés contra eles.” (Êxodo 16.20)*

Nesta questão existem três importantes aspectos. O primeiro aspecto é que Deus tinha a intenção de purificar o povo por completo, retirando todos os tipos de fatores que os fizessem lembrar do Egito e da escravidão, inclusive memórias alimentares. *“Tirar o povo do Egito foi fácil, difícil foi tirar o Egito do povo.” (Autor desconhecido)*. Esta tarefa realmente não foi fácil, a situação em um certo momento chegou a ficar insustentável, e de tanto o povo reclamar, Deus acaba mandando codornizes. Isto pode ser observado em Números 11:31-32:

Então, soprou um vento do Senhor, e trouxe codornizes do mar, e as espalhou pelo arraial quase caminho de um dia de uma banda, e quase caminho de um dia da outra banda, à roda do arraial, e a quase dois côvados sobre a terra. Então o povo se levantou todo aquele dia, e toda aquela noite, e todo o dia seguinte, e colheram as codornizes; o que menos tinha, colhera dez ômeres.

Como segundo aspecto, Ele também queria ali mostrar aos israelitas que eles não eram auto-suficientes, mas que dependiam dEle, ideia que é repetida no novo testamento por Jesus descrito da seguinte forma: *“Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal.” (Mat 6.34)*. Por fim, o terceiro aspecto sinaliza que Deus se mostra cuidadoso e ordena que não comam no dia seguinte, pois sabia que o local de armazenamento ali não era o mais adequado e, caso o seu povo ingerisse, corriam o risco de ficar doentes, devido ao risco de contaminação eminente naquele local. Champlim, (2003) analisa esse aspecto da seguinte forma:

Eles não deram ouvidos. A ganância e a falta de fé estragaram o maná. [...] A mente humana, em sua ansiedade, não põe muita fé nas palavras de Jesus acerca de como Deus cuida até dos passarinhos, quanto mais ao ser humano. Aqueles que ansiavam pelo dia de amanhã, entre os israelitas, guardaram o maná; e o resultado foi que o alimento se estragou e atraiu vermes. Isso provocou Moisés à ira, porque tinham agido contra as suas ordens exibindo a falta de fé na providência de Deus, a qual se mostrara tão evidente e tão poderosa na vida dos israelitas. A provisão recolhida no

sexto dia, para sobrar para o sábado não criou vermes porque isso tinha sido ordenado por Deus.

Segundo White (2007) o Senhor disse claramente a Seu povo que lhes viriam todas as bênçãos, caso eles guardassem Seus mandamentos, e fosse um povo particular. Advertiu-os, por meio de Moisés no deserto, especificando que a saúde seria a recompensa da obediência. O estado da mente tem grandemente que ver com a saúde do corpo, e em especial com a saúde dos órgãos digestivos.

Dentro da ciência da nutrição também existem leis relacionadas à alimentação humana. Destaca-se Pedro Escudero (1937), que na perspectiva de colaborar com a discussão sobre alimentação de maneira ampliada, criou as leis da alimentação que dizem que todo ser humano tem o direito a uma alimentação em quantidade e qualidade adequada, ideia que é compartilhada pela Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional – LOSAN, onde, o Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional – CONSAN em 2004 definiu este conceito da seguinte forma:

Consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis.

Esta temática não costuma ser abordada claramente na sociedade, mas a alimentação adequada não é um privilégio de quem tem uma melhor condição financeira, mas um direito de todo cidadão. Esse direito tem por nome Direito Humano à Alimentação Adequada – DHAA que, através do Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais - PIDESC, em 2002 foi conceituado como:

O direito da alimentação adequada é um direito humano inerente a todas as pessoas de ter acesso regular, permanente e irrestrito, quer diretamente ou por meio de aquisições financeiras a alimentos seguros e saudáveis, em quantidade e qualidade adequadas e suficientes, correspondentes às tradições culturais do seu povo e que garanta uma vida livre do medo, digna e plena nas dimensões física e mental, individual e coletiva.

Caso esses direitos sejam respeitados, a garantia de saúde integral se torna possível, já que estas leis abrangem não apenas as necessidades fisiológicas, mas também as necessidades sequentes, já que as tradições culturais e o acesso a outras necessidades essenciais são preservados, não precisando ser deixadas de lado para que ocorra a obtenção do alimento.

### 3.3 Os desejos da carne – Necessidade de estima

Segundo Woortmann (2004), a comida por excelência é a carne, e não devido apenas ao seu preço. O componente central das refeições constitui-se sempre num alimento de origem animal, notadamente nas refeições cerimoniais e/ou públicas. Já Fiddes (1991) afirma que, em diferentes contextos, culturas, grupos sociais e períodos históricos, a carne é soberana. Na hierarquia da comida, ela estaria no topo, particularmente a carne vermelha, pelo fato do status e do significado da carne estar essencialmente ligados a ela. Com menor status estariam as carnes brancas (frango e peixe) e, abaixo, outros produtos de origem animal (ovos e queijo). Mais abaixo estariam os vegetais, considerados insuficientes para formar uma refeição e, portanto, representando apenas um papel auxiliar.

Woortmann (2004) salienta que em lugar do óleo vegetal hoje consumido em maior quantidade, era a banha de porco que servia de base às frituras. Ela estava presente desde o café da manhã, quando o pão com banha fornecia a energia necessária para o trabalho na lavoura, para onde também era levada, servindo de merenda. Configura-se, assim, a comida forte que sustenta o trabalhador nas lidas com os animais e na roça. Ela também entra na composição da massa desse mesmo pão, o que sugere a versatilidade de seu uso.

White, (2007) complementa relatando que, em geral, o Senhor não proveu carne a Seu povo no deserto, porque sabia que esse regime suscitaria doença e insubordinação. A fim de modificar a disposição e levar as mais altas faculdades do espírito a exercício ativo, deles tirou a carne de animais mortos. Deu-lhes o pão dos anjos, maná do céu.

Os israelitas sentiram muita falta da carne do Egito. Primeiramente pelo fato de até então estarem famintos no deserto, naturalmente lembrariam primeiramente do alimento que geralmente é visto como o que fornece mais energia. Esta ideia pode ser claramente observada na passagem encontrada no livro de Êxodo: *“E os filhos de Israel disseram-lhes: Quem dera que nós morrêssemos por mão do Senhor na terra do Egito, quando estávamos sentados junto às panelas de carne, quando comíamos pão até fartar! porque nos tendes tirado para este deserto, para matardes de fome a toda esta multidão.”* (Êxodo 16:3). Outro aspecto que a carne trás é o status, já que em grande parte das sociedades até os dias atuais, só quem pode comprar maiores quantidades das melhores carnes são os mais ricos, no Egito isso não era diferente.

Por terem esse tipo de pensamento, eles pareciam entender que o status de escravo seria maior do que o de fugitivo no deserto, já que, mesmo sendo escravos, eles tinham acesso a este alimento.

### 3.4 A comida que liberta – Necessidade de amor

Segundo Maslow (1943), após estar saciado e seguro no aspecto alimentar e nutricional, quando o ser humano percebe que tem tudo o que precisa para a sua sobrevivência, mas não tem alguém com quem possa compartilhar sentimentos, descobre que na verdade não tem nada. No aspecto espiritual, segundo Dostoiévski (1821-1881) *“há no homem um vazio do tamanho de Deus”*. Pascal (1623 – 1662) também afirma que: *“há no homem um buraco na forma de Deus.”*

O ser humano busca incansavelmente saciar sua fome e sede pelos desejos carnis, pensando que o amor e a felicidade podem ser encontrados desta forma, todavia o cristianismo entende que o amor é o próprio Jesus e que esses prazeres são temporários, enquanto os prazeres espirituais são eternos. Esta ideia é evidenciada na seguinte passagem: *“Jesus respondeu e disse-lhes: Qualquer que beber desta água tornará a ter sede, mas aquele que beber da água que Eu lhe der nunca mais terá sede, porque a água que Eu lhe der se fará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna.” (João 4.13-14)*

No velho testamento, Moisés, líder do povo israelita no deserto, ao ser perguntado por eles sobre o que de fato era o maná, o alimento que desceu dos céus, o descreve como pão dado por Deus. Esta mesma definição seria usada pelo próprio Jesus há muito tempo depois, no novo testamento, onde Ele diz: *“Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre; e o pão que eu der é a minha carne que eu darei pela vida do mundo” (João 6:51)*

Ou seja, analisando estes aspectos, é possível relacionar estas passagens entre si, onde o maná seria a representação de Cristo, pois, assim como este alimento desceu dos céus para que o povo fosse saciado e salvo da morte, Jesus, o pão da vida, segundo a bíblia, também desceu dos céus para salvar a todos da morte espiritual. Representação semelhante aparece em Números 20: 2-11, quando os israelitas também foram salvos da morte física por receberem a água que brotou de uma rocha. Como pode ser visto nas seguintes passagens: *“Quem é a rocha senão o nosso Deus?” (II Samuel 22:32b)* ou *“Confiem sempre no Senhor, pois o Senhor, somente o Senhor é a rocha eterna. (Isaías 26:4)*, a rocha é um elemento utilizado para a representação de Deus, ou seja, a água que saciou a sede dos israelitas no deserto foi proveniente da rocha, do próprio Deus.

#### 4. CONCLUSÃO

Analisando todos estes fatores descritos, é possível perceber a importância desta temática para que o profissional nutricionista tenha uma formação mais completa, onde os fatores sociais também sejam levados em consideração, capacitando este profissional a fim de que o seu atendimento seja humanizado, respeitando todas as memórias e aspectos socioculturais que os alimentos possam trazer para os seus pacientes.

O alimento tem a capacidade de nutrir o indivíduo não somente no aspecto fisiológico, mas em amor, carinho e afeto. Então se faz necessário não apenas analisar as interações entre nutrientes, mas também as interações entre indivíduos em torno do alimento. Sendo assim, é de extrema importância para o profissional nutricionista, estudar o alimento para além da perspectiva nutricional, mas como um fenômeno social, já que a saúde não se limita às questões fisiológicas. Fatores diversos como os socioeconômicos e culturais também geram impacto no bem-estar da população, por isso é preciso buscar compreender de que forma o comer e a comida são tratados nos registros históricos bíblicos e como esses aspectos alimentares ligados à religião refletem nas escolhas alimentares de uma população a fim de proporcionar para os pacientes um atendimento integral, onde as demandas individuais são contempladas.

#### 5. AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que é fiel e tem me sustentado todos os dias. Também agradeço a minha família e amigos que sempre me apoiaram e oraram por mim durante essa jornada. Não poderia me esquecer da minha orientadora Professora Me. Debora Porcino pelos inúmeros ensinamentos acadêmicos e de vida e por sempre me tratar com muito respeito. Por fim agradeço aos meus colegas, em especial aos que pertencem ao NEPHANS, por todo apoio e sugestões para melhora deste trabalho.

#### REFERÊNCIAS

CALDEIRA, Regiane; FAVA, Bruna Mendes, *Comida: uma contadora de histórias*, 2013.

CANESQUI ana maria; GARCIA, Rosa Wanda Diez, **Antropologia e Nutrição: um diálogo possível**, 1. ed. [s.l.: s.n.], 2005.

CANESQUI ana maria; GARCIA, Rosa Wanda Diez, **Uma introdução à reflexão sobre a abordagem sociocultural da alimentação**, Thin Solid Films, v. 529, p. 292–295, 2013

CARNEIRO, henrique, **Comida e Sociedade** - Uma História da Alimentação, [s.l.: s.n.], 2017.

CESÁRIO, João; FERREIRA, Leonel, Revista Eletrônica Correlatio n. 13-Junho de 2008, p. 4–22, 2008.

CHAMPLIN, russell norman, **Novo dicionário bíblico**, [s.l.: s.n.], 2003.

CHAMPLIN, russell norman, **O antigo testamento interpretado**, [s.l.: s.n.], 2003.

DA SILVEIRA, r, **regimento da 2 conferência nacional de segurança alimentar e nutricional, aprovado em 30 de setembro de 2003 pelo conselho nacional de segurança alimentar e nutricional (consea)**, Mycological Research, v. 106, n. 11, p. 1323–1330, 2002.

FIDDES, nick, **Meat: A Natural Symbol**, [s.l.: s.n.], 2004.

FLANDRIN, j-l.; MONTANARI, m., **As Razões da Bíblia: Regras Alimentares Hebraicas, História da Alimentação 1. Dos primórdios à Idade Média**, 1998.

HANNAH, john d, **The Place of Theology in the Postmodern World: Is the Study of Theology and History an Antiquated Discipline?**, 2002.

MOREIRA, sueli aparecida, **Alimentação e Comensalidade: aspectos históricos** Moreira, (2010), Sociedade Brasileira para o progresso da ciência, v. 62, 2010.

NASCIMENTO, angelina bulcao **Comida: prazeres, gozos e transgressões**, 2. ed. Salvador: [s.n.], 2007.

NUNES, edson **"O primeiro presente de Deus"**, 2017.

OXFORD U.P. THE NEY OXFORD ANNOTATED, **Bible with the apocrypha**, Retrieved. [s.l.: s.n.], 2014.

POULAIN, jean-pierre; PROENÇA, rosana pacheco da costa, **O espaço social alimentar: um instrumento para o estudo dos modelos alimentares**, v. 16, n. 63, p. 2–10, 2009.

SILVA, elizabeth marques da **"Não cozerás o cabrito no leite de sua mãe"** uma análise teológica, cultural e nutricional, 2015.

THOMPSON, frank charles, **Bíblia sagrada**, [s.l.: s.n.], 2015.

WHITE, ellen g, **Conselhos sobre o regime alimentar**, [s.l.: s.n.], 2007.

WOORTMANN, ellen fensterseifer, **Significados da terra**, [s.l.: s.n.], 2004.